

O PROJETO DE EDUCAÇÃO DO MST PARA A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE DO HOMEM SEM TERRA

Iury Feitosa da ROCHA¹

Rosalina Brites de ASSUNÇÃO²

RESUMO

Esta pesquisa pretende contribuir para uma reflexão sobre o modo de constituição dos sujeitos nos assentamentos, o seu modo de vida, sua cultura, sua mística, destacando-se a valorização da educação na construção da identidade do militante Sem Terra. Dessa forma, estabeleceu-se como objetivo primordial analisar como está representada a identidade do homem Sem Terra no texto “Pedagogia do Movimento Sem Terra: acompanhamento às escolas”, que faz parte do *Dossiê MST-Escola: documentos e estudos 1990-2001*. Para esboçar esse processo de construção de identidade desenvolveu-se uma pesquisa qualitativa com fins descritivos. O discurso do MST materializado no texto selecionado foi estudado de acordo com os pressupostos teóricos da Análise do Discurso de linha francesa, e a identidade foi contemplada na perspectiva dos estudos culturais conforme Hall (2002), Woodward (2005) e Silva (2005). A análise do texto revelou que a concepção da identidade veiculada na proposta pedagógica do MST, reconhece que o homem é um ser condicionado social e historicamente e, como tal, pode e deve interferir na realidade que o cerca. Essa identidade historicamente construída reflete um modo de vida, responsável pelo enraizamento das pessoas no Movimento, que por meio das semelhanças e diferenças é capaz de declarar quem é do Movimento Sem Terra e quem não é. Concluiu-se que o modelo de identidade Sem Terra proposto no texto reflete uma ideologia contrária a da sociedade capitalista e que o MST almeja uma escola capaz de promover a mudança social.

Palavras-chave: Discurso. Proposta pedagógica. Identidade.

ABSTRACT

This research aims to contribute to a reflection on the mode of subject construction in the MST's (Landless Workers Movement) settlements, their way of life, their culture, their mystique, emphasizing the value of education in

¹ Acadêmico do Curso de Letras da UFMS, bolsista de Iniciação Científica UFMS – PIBIC 2013/14.

E-mail: iury.ufms@gmail.com

² Professora Doutora da UFMS, Curso de Letras do Campus de Aquidauana. Membro do grupo de Estudos e Pesquisa em Formação Interdisciplinar do Professor – GEPFIP.

E-mail: rositabrites@hotmail.com

the identity construction of the landless militants. Thus, it was established as the main objective the analysis of how the landless's identity is represented in the text "Pedagogy of the landless movement: monitoring the schools", which is part of the MST's School Dossier: documents and studies from 1990 to 2001. As a draft of the identity construction process a qualitative research with descriptive purposes was developed. The MST's discourse in the selected text mentioned was studied according to then theoretical assumptions of French Discourse Analysis, and identity studies took in account the works of Hall (2002), Woodward (2005) and Silva (2005). The text analysis revealed that the concept of identity conveyed in the MST's pedagogical proposal recognizes that man is a social being and historically conditioned and, as such, can and should influence the reality around him. This historically constructed identity reflects a way of life, responsible for keeping people in the Movement, which through the similarities and differences can show who belongs to the Landless Movement and who doesn't. The studied has concluded that the model of Landless identity suggested reveals an ideology contrary to the capitalist society and that MST aims a school able to promote the social change.

Keywords: Speech. Pedagogical proposal. Identity.

1 INTRODUÇÃO

O tema da Educação no Brasil tem se constituído como foco das reflexões e discussões de educadores e pesquisadores da área. Sabe-se que muito se tem refletido sobre os deveres do Estado para com a Educação, explícitos na Lei de Diretrizes e Bases da Educação, de nº 9394, de 20 de dezembro de 1996, que propõe uma educação igualitária, garantindo a universalização do acesso da população à educação de qualidade, de modo a inserir todos os cidadãos na dinâmica da sociedade.

Em franco confronto com o discurso do Estado capitalista, algumas entidades e movimentos sociais propõem uma reforma no sistema Educacional. Dentre esses movimentos destaca-se o MST, que se constituiu como "sujeito de poder" (Foucault, 1979) durante a sua história de luta pela terra, assim como pela implantação de uma proposta diferente nas práticas pedagógicas e na própria função da escola, que deverá contribuir para a transformação social.

Documentos como os Parâmetros Curriculares Nacionais (1998; 2000) e as Orientações Curriculares do Ensino Médio (2006) salientam a importância da escola na formação do cidadão. Para o MST, a escola, além de dar uma formação integral ao educando, deve ainda colaborar com a construção e a propagação da identidade *Sem*

Terra. Segundo o texto “Pedagogia do Movimento Sem Terra: acompanhamento às escolas”³, a educação escolar deve assumir o vínculo com o movimento educativo da vida do sujeito Sem Terra⁴ e assim, desenvolver os valores e as convicções que fortalecerão a identidade dos militantes.

O texto supracitado representa o *corpus* desta pesquisa e foi retirado de um material intitulado *Dossiê MST-Escola: Documentos e Estudos (1990-2001)* produzido pelo Setor de Educação do MST. No Dossiê, encontram-se as principais reflexões e análises não somente a acerca do modelo ideal de escolas dos assentamentos e dos acampamentos pretendidos pelo MST, como também alguns valores a serem cultivados por toda a comunidade integrante do movimento.

O texto, objeto de estudo dessa análise traz reflexões sobre o processo educativo do MST e das escolas do campo, e expressa a ideia de que o processo de educar não começa na escola, mas sim no momento que o sujeito decide lutar pela terra, inserindo-se no Movimento. Assim sendo, o MST atua, segundo Floresta (2006), como a matriz pedagógica dos elementos socioculturais e educativos que nortearão as ações dos novos sujeitos inseridos no Movimento.

A escolha do corpus justifica-se pelo fato desse texto materializar de forma mais veemente, a necessidade de se construir a “identidade Sem Terra” que ajude a resgatar a dignidade dos sujeitos que vivenciam a “desumanização imposta pela sociedade burguesa”. A partir dessa constatação o MST pontua, entre os principais objetivos de sua luta, o resgate da “humanização perdida” por parte dos trabalhadores rurais. É tamanha a importância que o Movimento atribui aos seus companheiros de bandeira de luta, que Caldart (2000; 2003) reforça as palavras encontradas no Dossiê: as pessoas são o maior valor produzido e cultivado pelo MST.

O MST sempre lutou pela criação de escolas nos próprios assentamentos, com uma “formação discursiva”⁵ (PECHEUX, 2009) que afronta o ponto de vista capitalista, que considera dentre outros fatores a economia de tempo e de gastos com o traslado do Sem Terra do assentamento para o meio urbano. Na verdade, o Movimento considera que o

³ Texto do Setor de Educação do MST e ITERRA, publicado no Dossiê MST Escola: documentos e estudos – 1990-2001, 2005, pp. 235-263.

⁴ Os textos do Dossiê MST Escola sempre trazem o nome próprio Sem Terra sem o hífen.

⁵ Ao discutir as formações discursivas, Pêcheux (2009, p. 147) esclarece: “Chamaremos, então, *formação discursiva* aquilo que, numa formação ideológica dada, isto é, a partir de uma de uma posição dada numa conjuntura dada, determinada pelo estado da luta de classes, *determina o que pode e deve ser dito*”. (grifos do autor)

“ensino no meio urbano prepara os filhos do agricultor para sair do assentamento” enquanto que o ensino “nas escolas dos assentamentos deve preparar os estudantes para ficar e transformar o meio rural.” (DOSSIÊ-MST ESCOLA, 2005, p 233). Em razão disso, os integrantes do Movimento Sem-Terra passaram a batalhar por uma “identidade própria” das escolas do meio rural, com um projeto político e pedagógico que fortaleça novas formas de desenvolvimento no campo, baseadas na justiça social, na cooperação agrícola, no respeito à vida e na valorização da cultura camponesa.

O objetivo desse estudo foi averiguar de que forma uma proposta de educação “diferente”, como elemento mediador para o desenvolvimento do projeto de transformação social do MST, possibilita a construção da identidade do “homem Sem Terra”.

Tomaremos como pressupostos teóricos alguns estudos da Análise do Discurso de linha francesa e da identidade na perspectiva dos Estudos Culturais.

É importante ressaltar que este trabalho, formulado a partir de uma pesquisa bibliográfica de caráter qualitativo, não tem como objetivo difundir nenhum tipo de generalização a respeito da identidade Sem Terra. Dessa forma, os resultados apresentados referem-se, por ora, a algumas percepções acerca do modelo de educação pretendido pelo MST, incluindo os valores e princípios da identidade coletiva Sem Terra.

2 METODOLOGIA

Esta pesquisa foi realizada a partir de estudos bibliográficos da Análise do Discurso de linha francesa, com a finalidade de não somente descrever, mas de (re) interpretar o discurso do MST materializado no corpus dessa pesquisa, fazendo valer o caráter qualitativo deste trabalho.

A metodologia aplicada desenvolveu-se em duas etapas complementares. A primeira constituiu-se de leituras, fichamentos e resumos do referencial teórico escolhido, através do qual a análise posterior foi desenvolvida. E a segunda etapa se refere à análise do corpus.

Durante a primeira etapa foram estudadas obras da Análise do Discurso de linha francesa, as quais permitiram direcionar a maneira pela qual o corpus foi tratado, além de trabalhos na perspectiva dos estudos culturais que orientam a compreensão da identidade na sociedade contemporânea. Esta etapa permitiu-nos construir o nosso referencial teórico

para a análise dos excertos selecionados. Os constructos considerados serão apresentados a seguir.

Pecheux (1975; 2002; 2009), Orlandi (2007) Brandão (2004) formam o dispositivo teórico da Análise do Discurso desta pesquisa. Dessas obras foram extraídos os conceitos de discurso, formação discursiva, formação ideológica e de sujeito. A compreensão desses conceitos ajudou-nos a direcionar nosso olhar não somente para o que está escrito no texto analisado, mas também para quem escreveu o texto: o sujeito.

O foco no sujeito do discurso, nesse caso, o MST, parte do princípio assinalado por Pêcheux (1975, p.213) de que “toda prática discursiva está inscrita no complexo contraditório-desigual-sobredeterminado das formações discursivas que caracteriza a instância ideológica em condições históricas dadas” e disso o autor ressalta que não existirá prática sem sujeito. É esse o propósito de se estudar não somente o discurso do MST, como também o próprio MST.

Todavia, cabe ressaltar que o MST não é considerado como um sujeito pré-estabelecido em seu discurso, mas sim é constituído no discurso (PÊCHEUX, 1975). Desse modo buscamos compreender a identidade coletiva MST através de suas formações discursivas firmadas no texto que compõem o corpus da pesquisa.

Para esclarecermos o posicionamento ideológico do MST em relação às políticas públicas do Brasil, foi necessário um estudo das chamadas formações ideológicas, responsáveis por serem o elo condutor entre o discurso do sujeito e uma determinada ideologia. Nas palavras de Pêcheux; Fuchs, (1975; 1997), as formações ideológicas refletem “todo um conjunto complexo de representações que não são nem ‘individuais’ nem ‘universais’ mas se relacionam mais ou menos diretamente a *posições de classe* em conflito umas com as outras.”

O estudo da identidade foi investigado à luz dos estudos de Hall (2002; 2005), Woodward (2005) e Silva (2005). A escolha desses teóricos possibilitou a apreensão não só do conceito de identidade, mas das reflexões inerentes ao entendimento da identidade na sociedade contemporânea. Dessa forma, o conceito de identidade foi investigado a partir de questionamentos e de reflexões concernentes a questões historicamente e socialmente construídas. Dentre essas questões destacamos o sistema de representação criado pelo MST para a exclusão e para a adesão de pessoas à sua identidade coletiva Sem Terra.

A segunda etapa configura-se na análise do corpus desta pesquisa, o texto “Pedagogia do Movimento sem Terra: acompanhamento às escolas” que é parte integrante de um material mais amplo denominado *Dossiê MST-Escola: Documentos e Estudos 1990-2001*. Esse material constitui-se de uma coletânea de textos elaborados pelo setor de Educação do Movimento Sem Terra, que propõe uma série de reflexões a respeito das escolas dos assentamentos e de suas práticas pedagógicas.

A escolha desse método de trabalho foi motivada pela intenção de demonstrar que, na análise de um problema, é possível entrelaçar diferentes dispositivos teóricos de interpretação, para o desenvolvimento das questões desencadeadas pela análise, constituindo assim o chamado dispositivo analítico. Nas palavras de Orlandi (2007), o que define a forma do dispositivo analítico é a questão posta pelo analista, a natureza do material que analisa e a finalidade da análise.

3 RESULTADOS E DISCUSSÕES

O ser humano é social por natureza, desde o seu surgimento na Terra tem aprendido a se relacionar com o meio em que vive, entretanto nem sempre essas relações são benéficas para ambos os lados. Embora esta seja uma característica necessária para o desenvolvimento da sociedade, ela não é um atributo exclusivo dos seres humanos, pois muitos outros seres vivos também têm de se relacionar com o meio. Entretanto para o ser humano esse relacionamento com o meio não é apenas para o desenvolvimento de sua espécie, ele nos permite interiorizar e exteriorizar um pouco de nós mesmos para outros seres humanos.

É nesse ensejo que floresce o conceito de identidade que tem como caráter primordial a representação⁶ do *eu* para o *outro* e do *outro* para o *eu*. É importante salientar a força de expressão que está no termo *representação*, é algo não linear, não estático⁷ e situa-se a nível interpretativo, no qual movimenta uma gama de valores dinâmicos, sociais e históricos. Para Woodward (2005, p.17) a representação “inclui as práticas de significação e os sistemas simbólicos por meio dos quais os significados são produzidos, posicionando-nos como sujeito”, e desse modo a representação atua simbolicamente para a

⁶ Conceito utilizado para ilustrar o que um ser humano é ou parece para outro, incluindo a força de representação com os objetos do meio (símbolos).

⁷ Com exceção, talvez, do ponto de vista étnico, com relação a cor da pele; um negro, um branco ou amarelo já nasceram com estas características. (WOODWARD, 2005)

classificação do mundo no que tange ao saber humano sobre as relações dos seres e das coisas entre si.

Considera-se aqui, o ponto de vista não-essencialista, ou seja, o das teorias que negam a existência de uma identidade na qual predomina a noção de sujeito cartesiano, o qual possui uma identidade fixa e inalterável. Woodward (2005) retrata que a identidade seria contemplada por meio das semelhanças e das diferenças dos sujeitos em questão, bem como pelas alterações sofridas historicamente, nas quais emanam as diferentes tomadas de posições dos sujeitos e suas conexões ideológicas, pois, o locutor de determinado discurso pode assumir diferentes papéis sociais circunscritos no ato da enunciação. Não obstante a isso, na análise do discurso é comumente contemplada a visão de um sujeito nunca inocente, pois “não há sujeito sem ideologia” (BRANDÃO, 2004). Enquanto a AD expressa a visão dos sujeitos sempre ideologicamente situados, os estudos não-essencialistas de identidade expressam uma identidade nunca neutra por meio das intensas relações de poder:

A identidade e a diferença estão, pois, em estreita conexão com relações de poder. O poder de definir a identidade e de marcar a diferença não pode ser separado das relações mais amplas de poder. A identidade e a diferença não são, nunca, inocentes. Podemos dizer que onde existe diferenciação - ou seja, identidade e diferença - aí está presente o poder. A diferenciação é o processo central pelo qual a identidade e a diferença são produzidas. (WOODWARD, 2005, p.80)

Dessa forma, temos um sujeito que, segundo Pêcheux (2009), fala de uma determinada posição social e de um determinado espaço, de onde se propagam os mais distintos discursos, e estes, por sua vez, reproduzem determinada(s) ideologia(s) que representam as mais diversas relações de poder.

No que tange ao cerne de nossa pesquisa, utilizamos mais especificadamente a identidade em contexto cultural, o que nas palavras de Woodward (2005) estaria ligado ao deslocamento dos sistemas de representação para as identidades produzidas pelos mesmos sistemas de representação que as criaram. Assim sendo, ilustramos como a *identidade coletiva* do Movimento Sem Terra construirá/desconstruirá a formação do sujeito Sem Terra. Contudo para que este objetivo seja cumprido, faz-se necessário a averiguação das diferentes posições de sujeito inseridas no MST e na sua pedagogia da educação.

O Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) é um movimento social brasileiro que surgiu em 1980, na cidade de Cascavel (PR), formado em sua maioria por

trabalhadores do campo: posseiros, migrantes, pequenos agricultores, etc. Tinham como objetivos a luta pela terra, isto é, a Reforma Agrária⁸, e a luta pela transformação social necessária para um Brasil mais democrático.

No momento em que os sujeitos denominados trabalhadores do campo reúnem-se para a formação do MST, tem-se formalmente o início da identidade coletiva de um sistema representacional como afirma o *Dossiê MST Escola* (2005, p.235) “O MST, como coletividade de luta em movimento produziu o nome próprio e a identidade Sem Terra.” Constatamos que foi nesse primeiro momento que a característica de “posse”, não ter terra, encontrada nos sujeitos envolvidos, torna-se uma característica de “estado”, ser Sem Terra, como demonstra o excerto a seguir:

Ser Sem Terra hoje é bem mais do que ser um trabalhador ou uma trabalhadora que não tem terra, ou mesmo que luta por ela; *Sem Terra é uma identidade historicamente construída*, primeiro como afirmação de uma condição social: *sem-terra*, e aos poucos não mais como uma circunstância de vida a ser superada, mas sim como uma identidade de cultivo: *somos Sem Terra do MST!* (DOSSIÊ MST-ESCOLA, 2005, p.235). (grifos do autor).

O termo “historicamente” faz menção não somente a um determinado evento ocorrido no passado, o momento da fundação do MST, como também reforça a ideia de que a identidade Sem Terra foi e ainda é construída ao longo dos anos. Conquanto remeter a identidade a um acontecimento histórico não significa dizer que o Sem Terra de hoje tem de ser o mesmo Sem Terra daquela conjuntura no passado, mas sim considerar o processo dinâmico de todo movimento social, pois “Se o MST tivesse existido em outra época, talvez seu jeito fosse diferente” (DOSSIÊ MST-ESCOLA, 2005, p.236). Desse modo, constatamos que a própria matriz ideológica instituída na fundação do MST não poderia ser diferente, uma vez que os fatores responsáveis pela ideologia predominante são o tempo, o espaço e o contexto social vivido pelos sujeitos fundadores do MST.

O processo de construção da identidade coletiva Sem Terra busca reformular a identidade do indivíduo, juntando o seu passado, o seu presente e seu futuro inserindo-o “numa nova e enraizada identidade coletiva e pessoal” (DOSSIÊ MST-ESCOLA, 2005, p.243). Para que o sujeito queira usufruir dessa identidade Sem Terra ele deverá necessariamente submeter-se a um conjunto determinado de regras e convenções criadas

⁸ Site oficial do MST-Brasil, no tópico *Nossa história*. Jul-2009.

pelo MST. Assim sendo, o fato do indivíduo se colocar na posição de um sujeito que não possui terras não garante o título de Sem Terra, é necessário que o indivíduo seja solidário ao conjunto de práticas culturais criadas socialmente e historicamente pelo Movimento.

Hoje, quando um sujeito afirma “ser Sem Terra”, ele não é mais um ser sozinho no mundo, pois pertence a um grande movimento social. Tudo isso faz parte do chamado *enraizamento* em uma coletividade do MST. “Saber que não está mais *solto no mundo* é a primeira condição da pessoa se abrir para esta nova experiência de vida” (DOSSIÊ MST-ESCOLA, 2005, p.238).

Nessa perspectiva, a identidade construída historicamente também tem seu valor como tradição, pois no discurso analisado os filhos dos assentados ou acampados recebem o nome de *crianças Sem Terra* ou *sem terrinha* como que por herança: “um sujeito social, um nome próprio a ser herdado e honrado” (DOSSIÊ MST-ESCOLA, 2005, p.235). Essa herança construída no Movimento é algo muito maior do que um mero discurso norteador, ela abrange todo um jeito de *ser humano* que vai ao encontro de ações que recuperem a concepção de educação como *formação humana*. É nesse momento que o MST assume um discurso esquerdista, um discurso oriundo da posição de poder que ocupa e que revigora a luta de classes dos oprimidos contra os opressores.

Essa identidade fica mais forte à medida que se materializa em um *modo de vida*, ou seja, que se constitui como *cultura*, e que projeta transformações no jeito de ser das pessoas e da sociedade, cultivando valores (humanistas e socialistas) que se contrapõem aos valores (ou anti-valores) que sustentam a sociedade atual. (DOSSIÊ MST-ESCOLA, 2005, p.235). Grifos do autor.

Essas palavras referendam a ideologia socialista que permeia a proposta pedagógica e fundamenta as práticas sociais do Movimento. Citamos a título de exemplo, um entre os chamados anti-valores: a política latifundiária do capitalismo no Brasil, “o MST tem um objetivo político bem definido: quer ajudar a construir um Brasil sem latifúndio. No formato estrutural do capitalismo brasileiro isto tem significado ser um movimento de luta social”. (DOSSIÊ MST-ESCOLA, 2005, p.259)

Além disso, o uso do verbo “materializar” confere um sentido de “agir de fato” à noção de identidade, conferindo ações ao conjunto de princípios e valores atrelados a identidade do MST, ou seja, não basta dizer ser Sem Terra, o sujeito tem de agir como Sem Terra. Dessa maneira, a identidade Sem Terra não está somente no plano imaginário,

no plano de ideias, e sim no chamado *modo de vida* dos sujeitos inseridos no MST, desse modo os ideais orientariam as práticas e as práticas confirmariam os ideais.

Na citação anterior temos o uso do verbo “contrapor” que evidencia a oposição aos valores ou antivalores da sociedade atual. Nesse momento, identificamos a presença de uma posição ideológica que retrata uma relação binária que apontará quem está dentro ou fora das convenções sociais defendidas e praticadas pelo MST, e estas por sua vez colocarão em evidência os sujeitos que se posicionam em outra relação binária paralela: favor x contra. Os chamados antivalores são ligados aos sujeitos que refletem em suas ações valores contrários aos socialistas, que são vivenciados pela maioria da sociedade atual, os valores capitalistas. É nesse contexto que se evidencia a chamada oposição binária apontada por Woodward, a identidade de sujeito socialista só existe em relação de negação a uma identidade capitalista, “uma identidade só existe em relação a outra, [...] é somente extrapolando as diferenças é que se consegue uma aparentemente ordem. Isso sugere que a ordem social é mantida por meio de oposições”. (WOODWARD, 2005, p.45-46)

Esta ordem social, que afirma quem faz parte do MST e quem não faz, também é vivenciada nas escolas dos assentamentos através dos símbolos construídos pelo movimento. Para o MST a presença de seus símbolos nas escolas representa uma abertura para a ideologia da entidade, como se percebe nesse excerto:

Pensemos como há uma dimensão simbólica forte nisso: a presença da bandeira, do hino, das palavras de ordem, dos materiais do MST numa escola indica que o Movimento está presente aí. Isto quer dizer que basta ter os símbolos do MST para ser uma escola do MST? Não, mas aprendemos que este é um sinal de abertura ao Movimento. E mais do que isso remete a dimensões muito significativas de sua pedagogia: o cultivo da mística, a pedagogia do símbolo, do gesto, o cultivo de nossa identidade coletiva (DOSSIÊ MST-ESCOLA, 2005, p.248)

Quando um sujeito que não possui terra decide fazer parte do MST, esse sujeito entra numa dimensão social que já possui seus processos de identificação, de propagação e de fixação de sua ideologia e de sua identidade. Dessa forma, os símbolos do movimento já estão ali, foram instituídos socialmente e historicamente para servirem de elo entre os sujeitos e o movimento.

Na perspectiva dos estudos culturais, o uso de símbolos serve para ligar as pessoas pertencentes a determinado grupo ou organização social entre si.

Juntamente com a língua, é central a construção de símbolos nacionais: hinos, bandeiras, brasões. Entre esses símbolos; destacam-se os chamados "mitos fundadores". Fundamentalmente, um mito fundador remete a um momento crucial do passado em que algum gesto, algum acontecimento, em geral heroico, épico, monumental, em geral iniciado ou executado por alguma figura "providencial", inaugurou as bases de uma suposta identidade nacional. (SILVA, 2005, p.84)

O texto em estudo destaca a importância da presença dos símbolos do MST na escola, salientando que isso “remete a dimensões muito significativas da sua pedagogia: o cultivo da mística, a pedagogia do símbolo, do gesto, o cultivo de nossa identidade coletiva” (DOSSIÊ MST ESCOLA, 2005, p.248). Portanto, constata-se de fato que a bandeira do MST e não só ela, como exemplo de um mito fundador, é responsável por ratificar o elo de identidade do sujeito para com o MST, agindo como parte do processo de enraizamento do sujeito no Movimento.

Os estudos de Silva (2005) ressaltam que não importa se os ideais representados nos símbolos são de fato “verdadeiros”. Por exemplo, a figura do facão na bandeira do MST pode ou não representar os instrumentos de trabalho, de luta e de resistência do Movimento. O que importa é que a narrativa fundadora aplicada ao símbolo servirá para moldar um elo sentimental e afetivo nos trabalhadores Sem Terra, o que gerará uma aparente fixação e estabilidade da identidade coletiva.

Tratamos até aqui da formação e da manutenção da identidade Sem Terra para que consigamos entender que tipo de cidadão que o MST quer que as escolas formem. É importante ressaltar que a formação do cidadão não se dá somente na escola, entendemos a escola como parte de um processo de formação que nunca se acaba, assim sendo o ser humano está sempre em constante formação social. Esclarecemos ainda, que o projeto de Educação do MST não se refere apenas ao público formado nas escolas dos assentamentos, mas sim a toda comunidade escolar: pais, alunos, professores e todo núcleo pedagógico, até o próprio papel da escola é redesenhado na proposta do MST.

O discurso do núcleo de Educação do MST também traz a escola como parte do processo de formação Sem Terra e propõe um novo papel para a escola:

A escola que cabe na Pedagogia do Movimento é aquela que se movimenta em torno de duas referências básicas: ser um lugar de formação humana, no sentido mais universal desta tarefa; e olhar para o Movimento como sujeito educativo que precisa da

escola para ajudar no cultivo da identidade Sem Terra, e na continuidade de seu projeto histórico. (DOSSIÊ MST-ESCOLA, 2005, p.240).

O uso do verbo “caber” contempla a ideia matemática de um conjunto menor ser envolvido por um conjunto maior, sendo assim, a Pedagogia do Movimento Sem Terra que é o jeito através do qual o Movimento vem, historicamente, formando o sujeito social de nome Sem Terra envolve práticas sociais e culturais que irrompem com os limites de uma escola convencional. E essa “escola diferente” tem como premissa auxiliar a construção da identidade Sem Terra, para que os militantes do movimento tenham condições de concretizar seu projeto de transformação social.

O MST espera de suas escolas que ajudem a cultivar sua memória e que também se responsabilizem pela continuidade da formação da identidade Sem Terra, ajudando as novas gerações nesse cultivo, e na sensibilização para este *jeito de ser humano* que o Movimento projeta (DOSSIÊ-MST-ESCOLA, 2005, p.257).

O MST luta por uma escola que não seja apenas um lugar de repasse de conteúdos, luta para que a escola se torne mais que um lugar de estudo, um lugar onde o aluno Sem Terra cresça em sua humanidade e consiga inserir-se criticamente na sociedade com múltiplos e diversificados tipos de aprendizado, todos necessários para a formação dos continuadores da obra humana do MST. Para o MST o educador tem que “conseguir compreender a dimensão educativa das ações do Movimento, fazendo delas um espelho para suas práticas de educação.” (DOSSIÊ MST-ESCOLA, 2005, p.241).

Para entender melhor o processo de educar, o texto em estudo traz as palavras de Arroyo (2000): “educar é humanizar. Não nascemos humanos, nos fazemos. Aprendemos a ser...Em todos os tempos e lugares, lutar pela humanização, fazer-nos humanos é a grande tarefa da humanidade” (DOSSIÊ MST ESCOLA, 2005, p.241).

A chamada obra humana que o documento aponta diz respeito a tudo aquilo que já trabalhamos desde o começo dessa pesquisa, que vai da constituição da identidade Sem Terra, como também de sua manutenção e propagação de ideologia e de práticas sociais. É por conta disso que o MST quer que a escola do campo seja diferente das escolas das cidades, por considerar que a escola da cidade agirá na contramão da identidade coletiva criada pelo MST ao educar os filhos dos trabalhadores Sem Terra da mesma forma que educa os filhos das pessoas que não fazem parte do Movimento.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O projeto de Educação do MST para a construção da identidade do homem Sem Terra em muito se difere do modelo atual de Educação desenvolvido pelo Ministério da Educação do Brasil, entretanto temos algumas semelhanças, como o fato de reconhecer a escola como um componente essencial para a construção de cidadãos participativos no meio social em que estão inseridos. Constatamos que a identidade Sem Terra é prioritariamente construída no processo de lutas do Movimento e que a escola atua como um dos componentes fundamentais para o desenvolvimento dessa identidade coletiva. O MST luta por uma escola do campo e não por uma escola no campo.

Verificamos também que o projeto de Educação do MST não objetiva uma mudança somente na estrutura pedagógica escolar, mas também projeta toda uma transformação social de cunho socialista.

REFERÊNCIAS

AUTHIER-REVUZ, Jacqueline. **Heterogeneidade(s) Enunciativa(s)**. Tradução: Celene M.Cruz e João Wanderley Geraldi. In: Cadernos de Estudos Linguísticos, 19, jul/dez, 1990. p 24-42.

BRASIL. **Orientações curriculares para o ensino médio; linguagens, códigos e suas tecnologias**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2006. (Orientações curriculares para o ensino médio; volume 1)

BRANDÃO, Helena H. N. **Introdução à análise do discurso**. 7. ed. São Paulo: Unicamp, 1991.

CALDART, Roseli Salet. **Pedagogia do Movimento Sem Terra**, Petrópolis: Vozes, 2000.

_____. Movimento Sem Terra: lições de pedagogia. **Currículo sem Fronteiras**, v.3, n.1, pp. 50-59, Jan/Jun. 2003.

DOSSIÊ MST-ESCOLA: Documentos e Estudos 1990 – 2001. Caderno de Educação nº 13, Edição Especial. São Paulo: Expressão Popular, 2005, pp 235-263.

FLORESTA, Leila. **Escola dos acampamentos/assentamentos do MST: uma perspectiva para a revolução?** (Tese de Doutorado). Faculdade de Educação. UNICAMP. Campinas, 2006.

HALL, Stuart. **A Identidade em Questão: identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

_____ Quem precisa de identidade? In SILVA, Tomas Tadeu (org.). **Identidade e diferença**: a perspectiva dos estudos culturais. Petrópolis, RJ: Vozes, 2005.

PECHEUX, Michel. **Semântica e Discurso**: uma crítica à afirmação do óbvio. Tradução de Eni Pucineli Orlandi et al. Campinas: Ed. Unicamp, 1995. 317 p. Edição original: 1975.

_____ **O Discurso**: Estrutura ou Acontecimento. Trad. Eni P. Orlandi. 3. ed. Campinas: Ed. Pontes, 2002.

_____ **Semântica e discurso**. Tradução de Eni P. Orlandi. 4 ed. Campinas: editora da UNICAMP, 2009.

PECHEUX, Michel; FUCHS, C. **A propósito da Análise Automática do Discurso: atualização e perspectivas**. Tradução de Péricles Cunha. In: GADET, F.; HAK, T. (Orgs.). **Por uma análise automática do discurso**: uma introdução à obra de Michel Pêcheux. 3. ed. Campinas: Unicamp, 1997 [1975]. p. 163-252.

SILVA, Tomas Tadeu (org.). **Identidade e diferença**: a perspectiva dos estudos culturais. Petrópolis, RJ: Vozes, 2005.

WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, Tomas Tadeu (org.). **Identidade e diferença**: a perspectiva dos estudos culturais. Petrópolis, RJ: Vozes, 2005.